

O “cartão de visita”



O tema deste número vem na sequência da abordagem tradicional que a *Pedra & Cal* faz sobre as questões do património. Não sendo um título de ruptura, contém no entanto uma mensagem subliminar que pressupõe um enfoque crítico, e alerta para uma situação de crise. Analisemos separadamente as palavras “conflitos” e “escala”. “Conflitos” empresta ao título a força de um manifesto anti regime distribuído em véspera de um golpe de estado. Já “escala”, no contexto em que está empregue, encerra na sua génese uma incontornável carga negativa.

Se o leitor concordou até aqui, então tomou como verdadeiras as premissas de uma questão complexa: onde poderemos observar uma situação de “conflito de escala”? Sabemos que existe porque sentimos a sua imposição assim que saímos à rua. Ao comparar dois edifícios com uma diferença volumétrica gritante somos assaltados por um turbilhão de sentimentos. Mas, se a comparação não for feita de um carro em andamento, verificamos que o choque não provém da diferença volumétrica dos edifícios comparados *per se*, mas da falta de bom senso urbanístico que permitiu e encorajou a construção um prédio de nove andares, paredes meias com uma casinha vetusta saída de um presépio de Machado de Castro.

Nos dias que correm, todo o território se encontra aleatoriamente salpicado por edifícios grandes, que só são assim porque são novos (o que não é uma boa razão) e crescem até, e para além, dos limites previs-

tos por lei. Aos mamarrachos em causa nunca foram aplicados critérios de compatibilidade e integração nos conjuntos históricos que lhes “saíram na rifa” e, à medida que a sua expansão viral progride, vai-se gerando um problema de má vizinhança entre construções.

Então atribuímos à escala métrica o que não nos atrevemos a atribuir à falta de sensibilidade e descomunal mau gosto dos intervenientes do intrincado processo de licenciamento. O pensamento moderno corrente insiste em considerar conceitos como o “*mau gosto*” de um absoluto relativismo e até “politicamente incorrecto”, mas lá que ele existe, existe, e também se pode medir e escalar.


O choque de volumetrias foi desde sempre utilizado como ferramenta artística legítima com a finalidade de evidenciar simultaneamente o novo e o pré-existente. O Mosteiro dos Jerónimos, o Coliseu de Roma ou as grandes pirâmides do Egipto já eram obras boas na época em que foram construídas e deslumbraram, pela qualidade do projecto, os povos seus contemporâneos. Mesmo tendo em conta a diferença de contextos históricos e culturais, sentimo-nos tentados a estabelecer uma comparação entre os empreendimentos clássicos e os “*clássicos empreendimentos*” que se auto reproduzem até à náusea, de Trás-os-Montes à costa algarvia.

Normalmente o conflito reside na construção em extensão e, mesmo as obras pontuais, arrastam atrás de si a urbanização caótica do espaço

envolvente que geralmente parasita os serviços da obra inicial. Para o leitor que neste ponto conjecturar sobre a possibilidade dos novíssimos estádios de futebol (excepção feita à “Pedreira” – estádio do Braga) estarem para a sua região, como o Coliseu esteve na sua altura para a grandeza de Roma, não vale a pena continuar a ler porque se encontram irremediavelmente, contaminados pela cultura dos *media*.

Quando avaliamos um “mono” urbanístico devemos equacionar todas vertentes que o possibilitaram e questionarmo-nos sobre a natureza da escala, não só da escala dimensional mas também da escala das más práticas, contornos duvidosos e distorção das normas urbanísticas praticadas sem pudor pela autarquia que tutela o dito “mono”, isso sim!! reberntaríamos “a escala” e Portugal saltava para a ribalta da U. E. como o campeão dos anúncios de feira: “Mais um *Água Parque!*”, “Mais uma dúzia de estádios de futebol!!”, “Mais dez mil camas para a costa de Odemira!!” (recomendo o blog www.litoralsembetao.blogspot.com). Progrediríamos então imparáveis numa celebração triunfante e patética de nós mesmos.

Conflitos de Escala?

Sim, mas... de que escala estamos nós a falar? 

ANTÓNIO PEREIRA COUTINHO,
Arquitecto